

# ARTIGOS



# Fábrica de heróis: a reacção da imprensa portuguesa de referência ao atentado que provocou a morte de Sérgio Vieira de Mello

Heroes factory: the reaction of the Portuguese prestige papers to the attack that killed Sérgio Vieira de Mello

Fabrica de héroes: la reacción de la prensa portuguesa de referencia frente al atentado que mató a Sérgio Vieira de Mello

JORGE PEDRO SOUSA



O autor, professor-associado e pesquisador da Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal), é doutor em Ciências da Informação pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha (1997). Publicou várias obras e artigos sobre jornalismo e comunicação. Destacam-se os livros *Fotojornalismo performativo* (1997), *Teorias da notícia e do jornalismo* (2002), *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental* (2000) e *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media* (2003). E-mail: [jpgsousa@ufp.pt](mailto:jpgsousa@ufp.pt).

SOUSA, Jorge Pedro. Fábrica de heróis: a reacção da imprensa portuguesa de referência ao atentado que provocou a morte de Sérgio Vieira de Mello. *Revista Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 27, n. 44, p. 11-35, 2o. Sem. 2005.

## Resumo

Este trabalho descreve como os diários portugueses de referência *Público* e *Diário de Notícias* reagiram ao atentado que provocou a morte do diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello, representante das Nações Unidas no Iraque. O autor conclui que esses diários, com destaque para o *Público*, personalizaram a cobertura do atentado, centralizando-a em Sérgio Vieira de Mello, o que ajudou a construir uma imagem heróica do diplomata.

**Palavras-chave:** Sérgio Vieira de Mello – Análise do discurso – Imprensa portuguesa.

## Abstract

This paper describes how the Portuguese prestige papers *Público* and *Diário de Notícias* reacted to the attack that killed the Brazilian diplomat Sergio Vieira de Mello, representative of the United Nations in Iraq. The author concludes that the Portuguese quality papers, *Público* in particular, had personalized the coverage of the attack, centring it in Sergio Vieira de Mello, which helped to construct a heroic image of the diplomat.

**Keywords:** Sérgio Vieira de Mello – Speech analysis – Portuguese press.

## Resumen

Este trabajo describe cómo los periódicos de referencia *Público* y *Diário de Notícias* reaccionaron al atentado que mató al diplomático brasileño Sergio Vieira de Mello, representante de las Naciones Unidas en Irak. El autor concluye que esos periódicos portugueses, con la prominencia de *Público*, han personalizado la cobertura del atentado, centrándola en Sergio Vieira de Mello, lo que ayudó a construir una imagen heróica del diplomático.

**Palabras claves:** Sérgio Vieira de Mello – Análisis del discurso – Prensa portuguesa.

No campo dos estudos jornalísticos e da análise do discurso, há já vários anos que se evidencia que a actualidade, a morte, a negatividade e a referência a pessoas de elite funcionam como critérios de noticiabilidade. Mitchell Stephens (1988: p. 34) sustenta, inclusivamente, que as “qualidades duradouras” das notícias têm variado pouco através da história, resumindo-se essencialmente à actualidade, à proximidade (geográfica, cultural, linguística...), ao extraordinário, ao insólito, à proeminência das figuras envolvidas, ao ilegal, às guerras, às calamidades e à morte (“más notícias são boas notícias”). Outros autores, como Traquina (2002, p. 174-178) ou Gans (1979) realçam, igualmente, que a definição do que é notícia apresenta um certo grau de estabilidade histórica. Galtung e Ruge (1965), primeiros autores a procurarem identificar de forma sistemática e exaustiva as qualidades que contribuem para a definição do que é notícia, referem, também eles, entre outros factores, a referência a pessoas de elite, a personalização, a negatividade, o inesperado e a amplitude (número de pessoas afectadas, consequências do acontecimento etc.). Galtung e Ruge chamam ainda a atenção para outros elementos que influenciam a noticiabilidade de um acontecimento, como sejam a clareza quanto ao seu significado, a consonância com enquadramentos e significados anteriores (“as novas são velhas”), a continuidade da cobertura de acontecimentos já noticiados e a referência a nações de elite.

Indo ao encontro de Daniel Hallin (1986), que explicita que os meios se movem essencialmente dentro das esferas do consenso e da controvérsia legítima, tendendo a excluir a do desvio, Traquina (2002, p. 192) sublinha que a controvérsia e o conflito também funcionam como factores de noticiabilidade. Esse autor chama igualmente a atenção para a existência de valores-notícia de construção, como a personalização e a dramatização, relacionados com a possibilidade de *imprimir uma marca à notícia*.

Sousa (2000) explica que os critérios de noticiabilidade foram inculcados na cultura jornalística a partir de uma matriz organizacional, social (englobando a expectativa do público e o mercado), ideológica, cultural e histórica, dependendo, igualmente, de factores pessoais, físicos e tecnológicos. Por isso, Sousa comunga da perspectiva de Ericson, Baranek e Chan (1987, p. 139-140), segundo a qual os critérios de noticiabilidade contribuem para que o jornalista hierarquize os acontecimentos em função da sua importância, norteando o processo de selecção dos acontecimentos, embora não sejam totalmente imperativos, pois há sempre um espaço para a acção pessoal do jornalista. Essa é, aliás, uma das razões que leva Ericson, Baranek e Chan (1987, p. 139-140), tal como Sousa (2000), a reconhecer que os critérios de noticiabilidade são “múltiplos, entrecruzados” e nem sempre fáceis de definir pelos pesquisadores.

De acordo com o enquadramento teórico anterior, o atentado que vitimou o diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello, representante do secretário-geral das Nações Unidas no Iraque e alto comissário da ONU para os Direitos Humanos, ocorrido em Bagdad, Iraque, no dia 19 de Agosto de 2003, mistura várias características que permitiram a sua eleição à condição de notícia: a) Actualidade; b) Negatividade do acontecimento e morte; c) Excesso e intensidade; d) Referência a pessoas individuais e colectivas e nações de elite; e) Proximidade; f) Clareza de significado; g) Continuidade da cobertura da situação no Iraque, espécie de notícia em desenvolvimento (Tuchman, 1978, p. 49 e 56-58); h) Consonância com um enquadramento recorrente para as intervenções militares norte-americanas no mundo: podem transformar-se num “novo Vietname”; i) Permite a personalização e a dramatização das notícias; j) Proporciona imagens fortes; k) Agudiza a conflitualidade e a polémica geradas pela divergência de posições entre nações de elite e outros actores da cena internacional sobre a intervenção militar no Iraque.

Os critérios de noticiabilidade ajudam a compreender os enquadramentos que são dados aos acontecimentos quando estes são convertidos em notícias. Goffman (1975, p. 10-11) define os enquadramentos como “princípios de organização que governam os acontecimentos (...) e o nosso envolvimento subjectivo neles”.

Tuchman (1976) diz que eles contribuem para a construção de sentidos para a realidade social. Gamson (1989, p. 157) explica que um enquadramento é uma ideia central que organiza e dá sentido aos acontecimentos, sugerindo “o que está em causa”. Gitlin (1980, p. 7) sustenta que os enquadramentos são padrões “de cognição, interpretação e apresentação, selecção, ênfase e exclusão” que organizam os discursos verbais e visuais. Traquina (2002, p. 200-201) explica que eles “são sugeridos através de metáforas, frases feitas, exemplos históricos, descrições e imagens”, sendo que por vezes as notícias “novas” são encaixadas em “velhos” enquadramentos (por exemplo, o Iraque como novo Vietname).

Os conteúdos e enquadramentos de grande parte das notícias dependem daquilo que as fontes dizem (Sigal, 1973). A maior parte da literatura sobre fontes de informação mostra que, se por um lado o jornalismo está orientado para os acontecimentos, por outro também está orientado para as fontes de informação, em particular para as “fontes oficiais” (Traquina, 2001, p. 137; Gans, 1979), que autorizam e credibilizam o discurso jornalístico, independentemente de os jornalistas terem maior ou menor liberdade de negociar os enquadramentos e significados propostos pelas fontes (ver, por exemplo: Traquina, 2002; Sousa, 2000; Gans, 1979).

As fotografias jornalísticas, além de suscitarem a atenção e o interesse do leitor, também contribuem para fixar os enquadramentos das histórias e para a construção de significados, proporcionando maior compreensão das notícias (Tubergen e Mashman, 1974).

Em consonância com o exposto, o presente trabalho tem por objectivo descrever e interpretar a forma como os diários portugueses de referência noticiaram o atentado que provocou a morte do diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello e verificar se, conforme previsto pela teoria do jornalismo, o facto de uma das vítimas ser uma personalidade de elite cuja morte foi particularmente sentida em Portugal enviesou, dramatizou e personalizou as notícias, conferindo-lhes um enquadramento diferente daquele que a história possivelmente teria se a morte de Sérgio Vieira de Mello não tivesse sido uma das consequências

do atentado. É de referir que no mesmo dia um atentado em Jerusalém provocou a morte de vinte pessoas, o que torna possível fazer comparações, embora esse não seja o objectivo do presente estudo.

Face ao objectivo equacionado, elegeu-se a análise do discurso como método de pesquisa, já que é o método que possibilita atingir-se a substância de um discurso. Para a componente quantitativa da análise, utilizou-se como unidade a matéria individual sobre o atentado ou Sérgio Vieira de Mello, sendo consideradas matérias sobre o atentado e Sérgio Vieira de Mello todas as matérias que referenciavam o atentado ou o diplomata da ONU, directa ou indirectamente. A informação foi, assim, classificada em número de matérias e em centímetros quadrados (arredondados às unidades) por várias categorias definidas *a priori*, conforme é habitual neste tipo de pesquisa (cf. Marques de Melo et. al., 1999, p. 4, e 1972). No caso particular das fontes, a informação foi categorizada por número de referências às fontes e número de frases citadas. Assim, as variáveis dependentes do presente estudo foram, simultaneamente, as matérias sobre o atentado, medidas nominalmente e por nível de razão (em cm<sup>2</sup>), e as referências às fontes e frases citadas.

A definição das categorias para a análise de conteúdo foi feita tomando em consideração que essa mesma análise procuraria testar várias hipóteses, sustentadas pela teoria do jornalismo, e responder às perguntas de investigação que delas emergiram. Conforme Tabela 1.

Além das questões atrás sistematizadas, definiu-se ainda uma derradeira pergunta de investigação, cuja resposta obrigou a uma análise qualitativa do discurso (orientada para o caso geral e não para matérias em particular) e onde se teve em conta que a linguagem é produtiva e incapaz de espelhar a realidade (Traquina, 2002; Fairclough, 1992, 1995; Bell e Garrett, 1998; Fowler, 1991):

**PP7** De que forma a linguagem usada para a cobertura do atentado e da morte de Sérgio Vieira de Mello indicia envidamentos intencionais ou não-intencionais introduzidos na informação pelos actores do processo informativo?



**Tabela 1**  
**Hipóteses, perguntas de pesquisa, variáveis e definição**  
**operacional das categorias de análise do discurso**

Perguntas de pesquisa	Variáveis	Definição operacional das categorias de análise do discurso
<b>H1</b> O elevado grau de noticiabilidade do atentado, decorrente da confluência de vários critérios de noticiabilidade, relevou esse acontecimento entre a informação.		
<b>PP1</b> Qual foi a relevância informativa concedida ao atentado?	Quantidade de informação (número de matérias e espaço ocupado em cm <sup>2</sup> ). Quantidade de chamadas noticiosas à primeira página (número de chamadas e espaço ocupado em cm <sup>2</sup> ).	<b>Matérias sobre o atentado:</b> Matérias que referenciam o atentado e Sérgio Vieira de Mello, mesmo que o seu tema central seja outro. <b>Matérias internacionais:</b> Matérias que registam acontecimentos fora de Portugal ou que envolvem unicamente personalidades estrangeiras. <b>Chamadas sobre o atentado à primeira página:</b> Títulos e outras referências ao atentado e a Sérgio Vieira de Mello nas primeiras páginas dos periódicos analisados.
<b>H2</b> A morte de Sérgio Vieira de Mello centralizou a cobertura e os enquadramentos temáticos, devido à sua relevância social e à proximidade linguística, cultural e afectiva dos portugueses com o diplomata brasileiro.		
<b>PP2</b> Quais as macro-temáticas predominantes na informação sobre o atentado?	Quantidade de informação sobre o atentado (número de matérias e espaço ocupado em cm <sup>2</sup> ), em função dos temas centrais das matérias.	<b>Sérgio Vieira de Mello:</b> Matérias que têm por tema Sérgio Vieira de Mello, a sua vida e as suas realizações pessoais e profissionais, mesmo que de carácter opinativo e argumentativo. <b>Reacções verbais à morte de Sérgio Vieira de Mello:</b> Reacções verbais à morte de Sérgio Vieira de Mello. <b>Atentado:</b> Notícias “duras” sobre o atentado, suas causas e consequências, mesmo que envolvam análise e interpretação. Reacções verbais ao atentado em geral. <b>Contexto:</b> Matérias documentais ou de outra natureza cuja preocupação central

	<p>é apresentar dados susceptíveis de levar os leitores a inserir melhor o atentado na conjuntura iraquiana e internacional, na história, na geografia, etc.</p> <p><b>Temáticas mistas:</b> Matérias que poderiam ser classificadas em várias das categorias anteriores, por abordarem várias das temáticas atrás definidas sem que uma delas constitua o tema central.</p> <p><b>Outros assuntos:</b> Todas as matérias que referenciam o atentado e cujo tema central não cabe nas categorias anteriores.</p>
--	--

**H3** O carácter surpreendente do atentado promoveu a informação noticiosa, mas a morte de Sérgio Vieira de Mello temperou as notícias com perfis e opiniões.

<p><b>PP3</b> Quais os géneros jornalísticos usados para a cobertura do atentado?</p>	<p>Quantidade de informação sobre o atentado (número de matérias e espaço ocupado em cm<sup>2</sup>), em função dos géneros jornalísticos.</p>	<p><b>Informação essencialmente noticiosa (notícias e reportagens):</b> Relatos essencialmente noticiosos sobre o acontecimento, comportando informação nova e actual. Colunas de reacções verbais.</p> <p><b>Entrevista:</b> Matérias jornalísticas susceptíveis de permitir a um ou mais entrevistados dirigirem-se directamente ao leitor através das respostas que dão às perguntas de um jornalista, embora o jornalista oriente a entrevista em função das perguntas que coloca, de forma a trazer a público informação nova e pertinente.</p> <p><b>Documento:</b> Matérias jornalísticas que funcionam como <i>background</i> informativo e documental para notícias, reportagens, entrevistas, etc. Perfis “factuais” de Sérgio Vieira de Mello.</p> <p><b>Matérias argumentativas (editorial, coluna, comentário, artigo, etc.):</b> Matérias que, regra geral, surgem espacialmente bem delimitadas, apresentam um</p>
---	--	---

	<p>conteúdo argumentativo, analítico ou opinativo e são assinadas. Geralmente, são matérias que não trazem informação nova, antes se debruçam sobre dados conhecidos, que servem de base à interpretação e argumentação.</p> <p><b>Crônicas:</b> Reações pessoais e impressionistas ao atentado e à morte de Sérgio Vieira de Mello, sem preocupação eminentemente argumentativa.</p> <p><b>Outro gênero:</b> Matérias que não cabem nas categorias anteriores.</p>
--	---

**H4** A facilidade de acesso, por um lado, e a necessidade de saber o que se passava e de referenciar a “visão local” sobre o acontecimento, por outro, impuseram o recurso equilibrado a fontes portuguesas, brasileiras, internacionais (Nações Unidas), iraquianas, da coligação internacional e de outras nacionalidades.

**H5** As fontes oficiais são dominantes, conforme previsto pela teoria do jornalismo.

**H6** A importância da morte de Sérgio Vieira de Mello no contexto do atentado foi suficiente para recuperar algumas das suas intervenções anteriores, como forma de registo do seu pensamento e de descrição da sua personalidade.

<b>PP4</b> Quais são as fontes presentes nas matérias sobre o atentado?	<p>Presença das fontes nas matérias (excluindo o produtor do texto), em número de referências e frases citadas.</p>	<p><b>Sérgio Vieira de Mello:</b> Declarações de Sérgio Vieira de Mello (individualizadas quer para efeitos de ponderação do peso relativo das mesmas quer porque a sua inclusão nas fontes brasileiras ou nas fontes internacionais se revelaria complexa).</p> <p><b>Brasileiros:</b> Fontes brasileiras, unipessoais ou colectivas. Instituições e organizações brasileiras.</p> <p><b>Portugueses:</b> Fontes portuguesas, unipessoais ou colectivas. Instituições e organizações portuguesas.</p> <p><b>Fontes internacionais:</b> Representantes e altos funcionários das Nações Unidas e de outras organizações internacionais; Nações</p>
---	---	---

	<p>Unidas e organizações internacionais enquanto pessoas colectivas.</p> <p><b>Iraquianos:</b> Fontes iraquianas.</p> <p><b>Coligação Internacional:</b> Fontes da Coligação Internacional que interveio no Iraque e dos principais países dessa Coligação (EUA, Reino Unido, Espanha).</p> <p><b>Outras nacionalidades:</b> Fontes de nacionalidades não referenciadas anteriormente.</p> <p><b>Indeterminadas:</b> Fontes cuja nacionalidade é impossível de determinar pela análise do discurso.</p> <p><b>Sérgio Vieira de Mello:</b> Recuperação de citações de Sérgio Vieira de Mello, mesmo quando incluídas em matérias publicadas em vários órgãos jornalísticos. Últimas palavras do diplomata.</p> <p><b>Fontes “oficiais”:</b> Instituições nacionais ou internacionais. Políticos, diplomatas e altos funcionários. Representantes de organizações e instituições. Representantes das forças armadas, dos bombeiros e outros agentes da protecção civil.</p> <p><b>Agentes da protecção civil:</b> Polícias, bombeiros, militares, etc. que funcionam como fontes embora sem representarem oficialmente as instituições e organizações que servem.</p> <p><b>Especialistas e comentadores:</b> Pessoas que embora não representem uma instituição ou organização são citadas como especialistas nos assuntos em causa.</p> <p><b>Jornalistas e órgãos jornalísticos:</b> Fontes jornalísticas. Não se incluiu nesta categoria a recuperação de declarações antigas de Sérgio Vieira de Mello (etc.) a vários órgãos jornalísticos.</p> <p><b>Funcionários intermédios e de base e populares:</b> Fontes populares não incluídas nas categorias anteriores. Funcionários não representantes das suas instituições.</p> <p><b>Outras fontes e fontes anónimas:</b> Fontes não incluídas nas categorias</p>
--	---

	anteriores. Fontes anónimas.
--	------------------------------

**H7** As fotografias jornalísticas reforçaram os enunciados verbais.

<b>PP5</b> Quais os enquadramentos temáticos das fotografias jornalísticas sobre o atentado?	Quantidade de foto-informação sobre o atentado e Sérgio Vieira de Mello (número de fotos e espaço ocupado em cm <sup>2</sup> ), em função do conteúdo.	<p><b>Atentado:</b> Fotografias das consequências do atentado e do local.</p> <p><b>Sérgio Vieira de Mello:</b> Fotografias em que Sérgio Vieira de Mello constitui o tema central e/ou que foram publicadas unicamente devido à presença do diplomata brasileiro nas mesmas.</p> <p><b>Políticos e acções políticas:</b> Fotografias cujo tema central é a representação de políticos e/ou das suas actividades.</p> <p><b>Outros conteúdos:</b> Fotografias com outros conteúdos.</p>
--	--	---

Foram, assim, analisadas quantitativa e qualitativamente as edições dos jornais *Público* e *Diário de Notícias* do dia 20 de agosto de 2003. Embora para efeitos de quantificação do destaque dado ao atentado se tenham analisado globalmente os números das publicações atrás referidas, o objecto de estudo específico resumiu-se às matérias que referenciaram o atentado e Sérgio Vieira de Mello, embora se tenha comparado alguns resultados com a cobertura feita de um atentado que no mesmo dia vitimou vinte pessoas em Jerusalém.

As matérias foram classificadas unicamente pelo pesquisador, pelo que não houve lugar à aferição de fiabilidade inter-codificadores.

## Resultados e discussão

A análise efectuada permitiu observar que o atentado foi notícia destacada nos dois jornais, em particular no *Público*, que lhe dedica 8% das matérias, ocupando 8% do espaço, enquanto o *Diário de Notícias* lhe dedica 4% das matérias e idêntica percentagem de espaço informativo. Além disso, ambos os periódicos concederam ao atentado a quase totalidade da superfície informativa da primeira página (90%), conforme se pode observar na tabela 2.

Os dados da tabela 2 mostram ainda que o atentado de Bagdad monopolizou cerca de metade da superfície ocupada por informação internacional no interior do *Público* (48%) e do

**Tabela 2**  
**Destaque dado ao atentado**

	<u>Público</u>	<u>Diário de Notícias</u>
Total de matérias*	113	136
Total de matérias internacionais*	31	22
Matérias sobre o atentado*	9	6
<b>% de matérias sobre o atentado no total de matérias*</b>	<b>8</b>	<b>4</b>
<b>% de matérias sobre o atentado no total de matérias internacionais*</b>	<b>29</b>	<b>27</b>
Espaço informativo total (cm <sup>2</sup> )*	39.689	40.893
Espaço informativo com informação internacional (cm <sup>2</sup> )*	6.850	3.230
Espaço informativo ocupado por matérias sobre o atentado (cm <sup>2</sup> )*	3.298	1.634
<b>% do espaço redactorial ocupado por matérias sobre o atentado*</b>	<b>8</b>	<b>4</b>
<b>% do espaço informativo internacional ocupado por matérias sobre o atentado*</b>	<b>48</b>	<b>51</b>
Número de chamadas noticiosas à primeira página	4	5
Número de chamadas internacionais à primeira página	3	2
Número de chamadas noticiosas sobre o atentado à primeira página	1	1
<b>% de chamadas à primeira página sobre o atentado no total de chamadas à primeira página</b>	<b>25</b>	<b>20</b>
<b>% de chamadas à primeira página sobre o atentado no total de chamadas internacionais à primeira página</b>	<b>33</b>	<b>50</b>
Espaço informativo em primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	663	566
Espaço informativo internacional em primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	651	516
Espaço informativo sobre o atentado nas primeiras páginas (cm <sup>2</sup> )	594	509
<b>% do espaço informativo em primeiras páginas ocupado por matérias sobre o atentado</b>	<b>90</b>	<b>90</b>
<b>% do espaço informativo internacional em primeiras páginas ocupado por matérias sobre o atentado</b>	<b>91</b>	<b>99</b>

\*Exclui primeiras páginas.

mativo internacional nas primeiras páginas (91% no *Público* e 99% no *Diário de Notícias*). A percentagem de notícias sobre o atentado no total de notícias internacionais ronda os 29% no *Público* e os 27% no *Diário de Notícias*, que concedem ao tema, respectivamente, 33% e 50% das chamadas sobre temas internacionais à primeira página.

A confluência de vários critérios de noticiabilidade para um único acontecimento – o atentado – tornaram-no jornalisticamente notado e explicam, conforme realçado na introdução, a saliência informativa que mereceu, comprovada pelos dados expostos na tabela 2. Comparativamente, o *Público* inseriu apenas uma notícia com 570 cm<sup>2</sup> (1,4% do espaço informativo) sobre o atentado que na mesma data vitimou vinte pessoas em Jerusalém, enquanto o *Diário de Notícias* incluiu duas matérias (ocupando 722 cm<sup>2</sup>, o que representa 1,8% da superfície ocupada por informação). Ambos os atentados são enquadráveis por vários critérios de valorização, como a morte, a negatividade ou a clareza quanto ao seu significado, mas o atentado de Bagdad, entre outras vítimas, provocou a morte a uma personalidade de elite próxima e conhecida dos portugueses, Sérgio Vieira de Mello, enquanto o atentado de Jerusalém vitimou unicamente pessoas comuns. Essa circunstância elevou o potencial noticioso do atentado de Bagdad, o que explica as diferenças relativas ao destaque dado a um e outro acontecimento. A morte de Sérgio Vieira de Mello no atentado de Bagdad tornou também esse acontecimento particularmente forte num valor-notícia de construção: o potencial de personalização da cobertura. Sendo particularmente forte na obediência quer a critérios de selecção quer a critérios de construção noticiosa, o atentado de Bagdad veio a constituir o tema principal dos dois jornais, o que é especialmente notado nas primeiras páginas (ver tabela 2).

Um outro factor poderá ajudar a explicar as diferenças na cobertura dos dois atentados: o tempo. O tempo é um dos principais factores de constricção da produção e difusão noticiosas (Schlesinger, 1977; Sousa, 2000, p. 50-52; Traquina, 2002, p. 109-112). O atentado em Jerusalém ocorreu duas horas após o atentado de Bagdad, o que o aproximou das horas de fecho e

**Tabela 3**  
**Macro-enquadramentos temáticos**  
**da informação sobre o atentado**

A tabela 3 mostra que os dois jornais analisados focalizaram a cobertura do atentado na morte de Sérgio Vieira de Mello. Metade das matérias publicadas no *Diário de Notícias*, ocupando

	Público				Diário de Notícias			
	Número de matérias	%	Espaço (cm²)	%	Número de matérias	%	Espaço (cm²)	%
Sérgio Vieira de Mello	4	44	1 193	36	3	50	618	38
Atentado	1	11	111	3	1	17	85	5
Cebileiro	2	22	702	21	0	0	0	0
Temáticas mistas	2	22	1 302	39	2	33	931	57
TOTAL	9	100	3 298	100	6	100	1 634	100

38% do espaço sobre o atentado, e 44% das matérias publicadas no *Público*, ocupando 36% do espaço sobre o atentado, tinham por tema inspirador a figura de Sérgio Vieira de Mello. Mesmo algumas das restantes matérias respeitam a temáticas mistas. Nelas, a morte de Sérgio Vieira de Mello é referenciada, embora não constitua o (único) tema central. É o caso, por exemplo, das matérias que noticiam o atentado em si, lembrando que Sérgio Vieira de Mello foi uma das vítimas. A tabela 3 mostra, assim, que a morte de pessoas de elite próximas da audiência e dos jornalistas é um tema fortemente noticiável por somar vários critérios de noticiabilidade, moldados por influência das expectativas do público, entre outros factores.

Os dados da tabela 4 evidenciam que, embora 44% das matérias do *Público* (56% do espaço) e 50% das matérias do *Diário de Notícias* (59% do espaço) sobre o atentado e a morte de Sérgio Vieira de Mello sejam de natureza noticiosa, as restantes (cerca de 60%) são de outra natureza: crónicas, perfis-documento do diplomata brasileiro, editoriais etc. Por comparação, todas as matérias publicadas sobre o atentado em Jerusalém eram de natureza essencialmente noticiosa. A morte violenta de uma personagem de elite próxima consubstancia-se, assim, como um factor suficiente para alterar não apenas os conteúdos, mas



também os *formatos* da cobertura jornalística dos acontecimentos. Neste pormenor, é de realçar o espaço absoluto que o *Público* concede a matérias de natureza interpretativa ou argumentativa suscitadas pela morte de Sérgio Vieira de Mello.

O “alargamento” dos formatos rotineiros de cobertura dos acontecimentos, especialmente notório no *Público*, realça-se, em particular, na atenção que foi dada à problemática do terrorismo islâmico em geral, do papel da ONU e da presença militar

**Tabela 4**  
**Gêneros jornalísticos na**  
**informação sobre o atentado**

	Público				Diário de Notícias			
	Número de matérias	%	Espaço (cm²)	%	Número de matérias	%	Espaço (cm²)	%
Matérias sobre atentado e vítimas	4	44	1862	56	3	50	969	59
Desenrolado	3	33	946	29	2	33	557	34
Matérias sugere bibliografia	1	11	298	9	0	0	0	0
Crónicas	1	11	192	6	1	17	108	7
TOTAL	9	100	3298	100	6	100	1634	100

internacional no Iraque, a reboque da cobertura do atentado e da morte de Vieira de Mello.

Conseqüentemente, pode dizer-se que, embora a cobertura tenha sido centrada no acontecimento e nos primeiros planos, conforme prevê a teoria do jornalismo (Tuchman, 1978; Traquina, 2001, p. 134-136; Schlesinger, 1977), a morte de Sérgio Vieira de Mello serviu de *cabide* para a discussão de problemáticas, rompendo com o formato rotinizado de cobertura dos acontecimentos. Neste particular, as diferenças entre *Diário de Notícias* e *Público* indiciam diferenças de estratégia informativa entre os dois jornais.

Os dados da tabela 5 evidenciam que houve algumas diferenças entre a cobertura do *Público* e do *Diário de Notícias*, já que o primeiro é mais polifónico, sendo de destacar a recuperação que fez de citações antigas de Sérgio Vieira de Mello como for-

**Tabela 5**  
**Nacionalidade das fontes usadas**  
**na informação sobre o atentado**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	Número de referências	%	Períodos/ frases	%	Número de referências	%	Períodos/ frases	%
Sérgio Vieira de Mello	14	22	20	19	1	9	1	9
Brasileiros	3	5	3	5	1	9	1	9
Portugueses	14	22	27	26	3	27	3	27
Fontes internacionais	14	22	17	16	4	36	4	36
Iraquianos	4	9	9	9	0	0	0	0
Coligação Internacional	8	12	21	20	2	18	2	18
Outras nacionalidades	3	5	3	3	0	0	0	0
Indeterminados	2	3	2	2	0	0	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>64</b>	<b>100</b>	<b>104</b>	<b>100</b>	<b>11</b>	<b>100</b>	<b>11</b>	<b>100</b>

*Notas:*

*Não se considerou o produtor da informação como fonte.*

*Não se consideraram documentos como fontes.*

ma de descrever o diplomata das Nações Unidas, enquadrando o seu pensamento e a sua vida (ver igualmente a tabela 6). Por outro lado, também há semelhanças relativas entre os jornais na auscultação de fontes, já que ambos privilegiaram fontes portuguesas (por razões de proximidade), fontes de organizações internacionais, como as Nações Unidas, para quem Sérgio Vieira de Mello trabalhava, e fontes dos países da Coligação Internacional que intervinha no Iraque. Estranhamente, os iraquianos são relativa (*Público*) ou totalmente (*Diário de Notícias*) ignorados enquanto fontes de informação sobre o atentado, pouca voz tendo sobre o que se passava no seu próprio país. Registe-se, ainda, que a nacionalidade de Sérgio Vieira de Mello não teve um efeito de arrastamento na citação de fontes, pois foram poucas as fontes brasileiras citadas. Ou seja, Sérgio Vieira de Mello foi simbólica e indirectamente mais apresentado como “cidadão do mundo” e “encarnação” das Nações Unidas do que como brasileiro.

*Notas:*

*Não se considerou o produtor da informação como fonte.*

*Não se consideraram documentos como fontes.*

Tabela 6  
Tipologia das fontes usadas na  
informação sobre o atentado

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	Número de referências	%	Períodos/ frases	%	Número de referências	%	Períodos/ frases	%
Sérgio Vieira de Mello	14	22	20	19	1	9	1	9
Fontes "oficiais"	38	59	44	61	10	91	10	91
Agentes da protecção civil	0	0	0	0	0	0	0	0
Especialistas e comentadores	3	5	11	11	0	0	0	0
Funcionários intermédios e populares	3	8	3	5	0	0	0	0
Jornalistas e órgãos jornalísticos	3	5	3	3	0	0	0	0
Outras fontes e fontes anónimas	1	2	1	1	0	0	0	0
TOTAL	64	100	104	100	11	100	11	100

A teoria do jornalismo prevê e, no caso da cobertura do atentado que vitimou Sérgio Vieira de Mello, a análise de conteúdo confirma que as fontes “oficiais” predominam na cobertura noticiosa, conforme exposto na tabela 6, porque são representativas (representam pessoas, organizações, estados, instituições etc.) e credíveis, fornecendo regularmente informação autorizada (Sousa, 2002; Traquina, 2002). No *Diário de Notícias*, inclusivamente, todas as citações são de fontes “oficiais”, excluindo uma citação de Sérgio Vieira de Mello (que, aliás, também seria uma “fonte oficial”). No *Público* o índice de polifonia é maior, mas ainda assim praticamente são ignoradas as pessoas comuns, os funcionários intermédios das organizações e até mesmo os especialistas que poderiam ajudar a compreender melhor o acontecimento (que nem sequer são auscultados no *Diário de Notícias*).

Os dados expostos na tabela 7 evidenciam que a figura de Sérgio Vieira de Mello foi um conteúdo relevante da foto-informação, em especial no *Público*, que dedica 60% das fotografias sobre o atentado ao diplomata (e 60% do espaço fotográfico). A

**Tabela 7**  
**Enquadramentos temáticos da**  
**foto-informação sobre o atentado**

	<i>Público</i>				<i>Diário de Notícias</i>			
	Número de fotos	q%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	q%	N.º de fotos	q%	Espaço (cm <sup>2</sup> )	q%
Sérgio Vieira de Mello	3	60	743	60	2	50	144	16
Atentado	2	40	503	40	2	50	884	84
Políticos e ex-políticos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros contatados	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>100</b>	<b>1.246</b>	<b>100</b>	<b>4</b>	<b>100</b>	<b>1.048</b>	<b>100</b>

*Nota: nos dados desta tabela contabilizaram-se os resultados das primeiras páginas.*

cobertura fotojornalística do *Público* reforçou a dimensão personalizante dos enunciados verbais sobre o atentado, tendência que é atenuada, mas não anulada, no *Diário de Notícias*, que dedica apenas 16% do espaço fotográfico à figura de Sérgio Vieira de Mello, embora o diplomata brasileiro esteja representado em 50% das fotografias.

## **Análise qualitativa**

Os dados da análise qualitativa ajudam a consolidar as interpretações da análise quantitativa. Em primeiro lugar, a política de primeira página dos dois jornais analisados é algo diferenciada. O *Público* personaliza intensamente a cobertura logo na “um”, sugerindo que o atentado em si é secundário face à morte de Sérgio Vieira de Mello (sugestão de enquadramento). Para isso, o *Público* ocupa a quase totalidade da primeira página com uma fotografia intimista e de cores suaves de um Sérgio Vieira de Mello melancólico e pensativo, talvez triste. À direita, ao alto, apenas surge, em jeito de obituário, a inscrição: “Sérgio Vieira de Mello (1948-2003)”. A frase, escrita em letras brancas, acentua a suavidade e tranquilidade da fotografia, conotando o diplomata com a pureza. O sangue vertido no atentado, ausente da fotografia, é indiciado pelas letras vermelhas do título chamativo “Terror contra a ONU”, igualmente sobreposto à fotografia, mas no canto inferior esquerdo, complementado com um título interpretativo: “Ataque de Bagdad marca a entrada num novo patamar de violência”.

Por seu turno, o *Diário de Notícias* centraliza a cobertura no atentado em si, secundarizando a morte de Sérgio Vieira de Melo. A principal fotografia escolhida para a primeira página é a de um soldado da Coligação em frente ao edifício atingido. A manchete diz apenas “Morte em Bagdad”, enquanto o subtítulo explica que um “Camião armadilhado destrói representação da ONU no Iraque e faz, pelo menos, dezassete mortos e uma centena de feridos – Horas depois, atentado num autocarro em Jerusalém provoca mais de 20 mortos”. Há também uma referência a Sérgio Vieira de Mello, no canto inferior esquerdo da fotografia principal (sobreposição), complementada com uma *mug-shot* do diplomata brasileiro ao serviço das Nações Unidas. Apela-se, como no *Público*, a uma conotação biográfica: “Sérgio Vieira de Mello 1948-2003”. Explicita-se ainda: “Atentado/Vieira de Mello entre as vítimas mortais do ataque terrorista”. Em resumo, a *política de vitrina* do *Diário de Notícias* distanciou-se da do *Público*, podendo indiciar que a estratégia dos dois jornais para atrair o mesmo segmento de público é diferente.

No interior dos jornais também se notam algumas diferenças. Por exemplo, o *Público* dá ao atentado lugar de destaque, reservando-lhe as páginas 2 a 5. O *Diário de Notícias* remete o assunto para as páginas 8 e 9. O *Diário de Notícias* coloca ao alto da página 8 o antetítulo “Atentado” para em título adicionar “Vieira de Mello morre em Bagdad”. O antetítulo, mais destacado do que o título e contrastado com uma fotografia, ganha uma dimensão maior do que o próprio título, sugerindo que o atentado em si é mais importante do que a morte de Sérgio Vieira de Mello.

O *Público*, por seu turno, equipara em importância, na primeira matéria dedicada ao assunto, o atentado, Sérgio Vieira de Mello e a ONU num título sintético mas interpretativo e enquadrante: “Atentado desafia a ONU e mata Sérgio Vieira de Mello”. Aliás, esse mesmo enquadramento é proposto, nos dois jornais, em variadas ocasiões, por fontes e por jornalistas, em frases como “crime contra as Nações Unidas”, “crime terrorista que teve por objectivo a presença da ONU no Iraque”, “ataque contra o futuro do Iraque e do seu povo” e “contra quem estava

no Iraque para ajudar”.

No caso da cobertura do atentado, assistiu-se à chegada ao mesmo tempo de vários enquadramentos sobre o acontecimento ao campo jornalístico, que funcionou como “arena pública”. Observou-se, assim, a competição entre vários “primeiros definidores” (Hall et al., 1978) de enquadramentos pela imposição de um sentido prevalecente para o acontecimento. A contrastação de fontes anulou, em consequência, a vantagem estratégica que poderia ocorrer se alguém tivesse apresentado sozinho um primeiro enquadramento para o acontecimento ao campo jornalístico. Pode verificar-se, assim, que a intenção de objectividade e o valor jornalístico do equilíbrio, estruturante da tribo jornalística (Traquina, 2003), levam os jornalistas a balancear e contrastar equilibradamente as posições de fontes antagónicas, às vezes por iniciativa deles mesmos (canais de iniciativa, na terminologia de Sigal, 1973), desde que a polémica se estabeleça dentro do espaço de controvérsia legítima (Hallin, 1986). A polémica, não obstante, é também uma das qualidades intrínsecas das notícias capazes de promover a sua noticiabilidade. É por isso que nos dois jornais analisados se encontram fontes de esquerda a conotar o atentado com a “ocupação americana do Iraque” ou a “ocupação estrangeira do Iraque”, exigindo, por exemplo, o “estabelecimento da capacidade de decisão soberana do povo iraquiano”; pelo contrário, os responsáveis da Administração americana enquadram o acontecimento na “guerra contra o terrorismo”, sendo que o Ministério dos Negócios Estrangeiros português exige mesmo que o atentado não afecte “a firme determinação da comunidade internacional em prosseguir a sua acção [no Iraque] (...) no cumprimento de um claro mandato do Conselho de Segurança da ONU no sentido de garantir a segurança, a estabilidade e o progresso no Iraque”.

Há outras semelhanças entre os jornais. A principal matéria noticiosa dos dois periódicos sobre o atentado começa por referir um nome, Sérgio Vieira de Mello, para só depois abordar o atentado e referir as outras vítimas. Porém, no *Diário*

de *Notícias* o nome do diplomata surge associado directamente às restantes vítimas e antes do verbo, enquanto no *Público* as restantes vítimas só são referidas depois de se vincar a morte do diplomata: “Sérgio Vieira de Mello e, pelo menos, outros 16 funcionários das Nações Unidas...” (*Diário de Notícias*); “Sérgio Vieira de Mello, representante das Nações Unidas no Iraque, foi ontem morto [voz passiva] em Bagdad, quando um camião-bomba explodiu (...), matando (...) pelo menos 20 pessoas e ferindo mais de 40” (*Público*).

Outra das semelhanças entre os jornais consiste no recurso a expressões similares usadas para enquadrar Sérgio Vieira de Mello e a sua morte, apontando para a heroicidade do diplomata, como se pode observar na tabela 8.

No *Público*, Sérgio Vieira de Mello também foi apresentado como “[alguém que admitiu ter medo, pois] seria totalmente irresponsável e arrogante se não tivesse medo” e ainda como um ser teimoso que “deixava os nervos em farrapos aos seus interlocutores” e a quem “alguns” viam como “arrogante”. No entanto, é interessante verificar que quando a conotação é direccionada para os defeitos de Sérgio Vieira de Mello, o pronome “alguns” desvincula o jornal desse enquadramento; mas quando a conotação é positiva, o jornal(ista) assume o enquadramento, como nos títulos “O homem que acreditava fazer a diferença”, “O homem que não gostava de livros de instruções” e “Portugal recorda um amigo e um herói” (que no jornal aparecem sem aspas). Embora a enumeração de defeitos de uma personalidade morta caia dentro do espaço de controvérsia legítima, de que fala Hallin (1986), quebra o consenso e fica perigosamente perto da zona de controvérsia ilegítima.

## **Conclusões**

Os dados recolhidos confirmam, no geral, as hipóteses colocadas, à excepção da quarta hipótese. Em concreto, a confluência de vários critérios de selecção e o elevado potencial de personalização da história, devido à morte de Sérgio Vieira de Mello, tornaram o atentado matéria relevante entre a informação, especialmente entre a informação internacional. A contabilização de Sérgio Vieira de Mello entre as vítimas centralizou e persona-

**Tabela 8**  
**Expressões caracterizadoras de Sérgio Vieira de Mello**

Diário de Notícias	Público
<p>“Alvo principal do atentado”, “[defensor] dos direitos humanos nos piores lugares do planeta”, “vítima da insegurança que se vive [no Iraque]”, “vítima de um acto de loucura”, “[vítima] de um ataque contra pessoas que trabalham para assegurar o futuro do Iraque”, “herói da democracia e da paz”, “[alguém que pôs] a sua vida ao serviço das Nações Unidas (...)”, personalidade marcante que soube granjear a estima e admiração de todos quantos tiveram o privilégio de o conhecer”, “[alguém que] cumpriu um papel essencial para a independência [de Timor-Leste]”, “firme e pragmático”, “[personalidade que demonstrou] capacidade enorme para mobilizar equipas, para adequar as expectativas ao pragmatismo e para continuar a acreditar no que fazia, tendo passado pelos piores sítios deste planeta”, “[alguém que] sem surpresa [foi] nomeado (...) para chefe da Comissão de Direitos Humanos da ONU (...) um cargo que muitos viam como antecâmara para a sucessão de Kofi Annan”, “[era] bem-visto pelos EUA”, “[diplomata que] deu rosto à ONU”, “tinha sempre disponível um sorriso sem evitar umas palavras de simpatia”, “[em Timor-Leste] falava português (...), trunfo usado com mestria (...), sabia intervir quando era necessário, percorria todo o território, ouvia as pessoas, participava em colóquios, acompanhava os problemas”, “(...) foi um exemplo”.</p>	<p>“Homem que acreditava fazer a diferença”, “<i>troubleshooter</i>, alguém que abate problemas”, “personificava o melhor da ONU”, “indispensável”, “era a ONU”, “[recusou] o papel de observador suave”, “firme, duro, mas encantador”, “vítima dos que utilizam o terror contra o que temos de mais sagrado: a capacidade de viver em conjunto, de forma civilizada”, “era o melhor que as Nações Unidas e o mundo podem produzir como diplomata empenhado num futuro melhor”, “enérgico, determinado, corajoso, capaz de viajar para os destinos mais difíceis do globo e aí montar uma máquina de assistência humanitária ou de apoio à reconstrução”, “desempenhou um papel vital na pacificação [do Kosovo]”, “alguém que estava empenhado num Iraque melhor e no apoio aos que mais sofrem”, “um homem que via largo e via longe”, “[morreu] em nome dos valores em que acreditava”, “um amigo e um herói [que Portugal recorda]”, “homem que mesmo nas situações mais difíceis conseguia transmitir tranquilidade e determinação”, “[um homem que punha] as pessoas, as vítimas, (...) em primeiro lugar”, “de uma simpatia extrema, determinado e inteligente que conseguia transmitir como poucos os seus ideais (...) político brilhante que quando subia a um palco para discursar parecia fitar os olhos de cada uma das pessoas que o ouviam. Que aliava a cada palavra um gesto que acentuava uma elegância que lhe era natural. Que conseguia calar e despertar uma multidão como poucos. Que transmitia emoção e determinação quando falava sobre o que acreditava”, “carioca bem-humorado que sorria como um miúdo sempre que alcançava um objectivo”, “[um homem que] amava a vida com todas as suas forças e via o seu trabalho como uma ferramenta para conseguir um mundo mais justo, mais livre e com menos desigualdades”, “[um homem que] morreu lutando para fazer este mundo melhor”, “[alguém cuja morte tornou o] ‘mundo (...) mais pobre’, ‘um amigo de Portugal e um herói’, ‘personalidade marcante’, “[alguém que] soube granjear a estima e consideração de todos quantos tiveram o privilégio de o conhecer”, “[um diplomata que] levou a bom porto [as missões que lhe foram atribuídas], com desvelado empenho, contribuindo para enaltecer o valor inestimável da afirmação e da defesa dos direitos humanos, da democracia e do Estado de direito”, “figura que deixa orgulhosa a lusofonia”, “grande amigo de Portugal e de Timor-Leste”, “referência nacional”, “amigo de Portugal e dos portugueses”, “herói da democracia e da paz”, “herói”, “ilustre trabalhador da comunidade internacional, que representou até ao sacrifício os ideais da ONU”.</p>



lizou verbal e fotograficamente a cobertura do acontecimento, ao ponto de gerar uma reformatação na forma de contar a história, particularmente notória quando se comparam as matérias sobre o atentado de Bagdad com a cobertura do atentado de Jerusalém, ocorrido na mesma data e que vitimou mais pessoas. O discurso dos dois jornais também enaltece vincadamente a figura de Sérgio Vieira de Mello, apresentando-o como herói e mártir. Nesse discurso, o homem dá lugar ao mito, ao *super-homem*. Porém, pode considerar-se que o *Público* centralizou mais do que o *Diário de Notícias* a cobertura do atentado na morte de Sérgio Vieira de Mello, opção que se desenha logo na página um.

As fontes “oficiais” dominaram a cobertura. Contudo, o índice de polifonia foi reduzido, em particular no *Diário de Notícias*, conduzindo, por exemplo, ao quase silenciamento das fontes iraquianas, o que leva à rejeição da quarta hipótese, que previa um maior equilíbrio na auscultação de fontes de maneira a referenciar-se a “visão local” sobre o acontecimento, tanto mais que a cobertura noticiosa local terá sido construída a partir dos despachos de agências que tinham jornalistas no terreno e que os dois jornais citam.

Realce também para o facto de os dois jornais terem sido consonantes na construção da imagem de Sérgio Vieira de Melo, o que poderá favorecer o agendamento e a consolidação desse enquadramento na esfera pública (cf. Sousa, 2000).

## Referências bibliográficas

BELL, A. & GARRETT, P. (eds.). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

ERICSON, R., BARANEK, P. & CHAN, J. *Visualizing deviance: a study of news organization*. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

\_\_\_\_\_. *Media discourse*. London: Arnold, 1995.

FERNÁNDEZ PARRATT, S. *A reportaxe de prensa en galicia (1960-2000)*. (Tese – Doutoramento em Comunicação). Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, 2001.

FOWLER, R. *Language in the news: discourse and ideology in the press*. London: Routledge.

GALTUNG, J. & RUGE, M. H. The structure of foreign news. *Journal of International Peace Research*, n. 1, 1965.

GAMSON, W. News as framing. *American Behavioural Scientist*, n. 33, 1989.

GANS, H. *Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. New York: Pantheon Books, 1979.

GITLIN, T. *The whole world is watching*. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis. An Essay on the Organization of Experience*. Boston: Northeastern University Press, 1975.

HALL, S. et al. *Policing the crisis: mugging, the state, and law and order*. New York: Holmes & Meier, 1978.

HALLIN, D. *The "uncensored war": 1965-1967*. Berkeley: University of California Press, 1986.

MARQUES DE MELO, José *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972.

MARQUES DE MELO, José et al. O Mercosul na imprensa do Mercosul. (Projecto de pesquisa). Texto policopiado. 1999.

SCHLESINGER, P. Newsmen and their time machine. *The British Journal of Sociology*, a. 28, n.3, 1977.

\_\_\_\_\_. Rethinking the sociology of journalism: source strategy and the limits of media-centrism. In:FERGUSON. *Public communication: the new imperatives*. London: Sage, 1990.

SIGAL, L. *Reporters and officials: the organization and politics of newsmaking*. Lexington: Health and Company, 1973.

SOUSA, J. P. *As notícias e os seus efeitos*. Coimbra: Minerva Editora, 2000.

STEPHENS, M. *A history of news*. New York: Penguin Books, 1988.

TRAQUINA, N. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, Brasil: Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, N. *Jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002.

TUBERGEN, G. N. & MASHMAN, D. L. Unflattering photos: How people respond. *Journalism Quarterly*, a. 51, n. 2, 1974.

TUCHMAN, G. Telling stories. *Journal of Communication*, a. 26, n.4, 1976.

TUCHMAN, G. *Making news*: a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.